

O PODER DO CANTO

Donaldo Schüter
(UFRGS)

Résumé

Pour commencer, chantons les Muses Héliconiennes, reines de l'Hélicon, la grande et divine montagne

(trad. P. Mazon)

Qui est-ce qui chante? – Tout le monde et personne. Les chanteurs et les auditeurs. Le Poète et nous-mêmes. Personne.

Quand est-ce qu'on chante? – On chante pour commencer. Et le chant des Muses cherchera les fondements de l'Univers.

Les Muses progressent de l'ombre vers la lumière sur le chemin de la découverte. Elles nous annoncent, nuit et jour, une histoire de victoires et de défaites, de Dieux vainqueurs et de Divinités vaincues. Elles nous font sentir tout ce qu'il y a de civilisation et de sauvagerie dans notre monde; elles nous font voir tout ce qu'il y a sur la terre et dans les profondeurs du vide; elles nous font entendre et **la voix** et le silence.

À vrai dire, le chant c'est la voix des Muses. Le langage leur appartient: le langage ordonné, logique, rationnel. Rien de ce qu'on peut voir – et entendre – aujourd'hui; rien de ces impressions passagères qui se confondent avec les souvenirs l'enfance; rien de ces temps chaotiques, de ces hommes brisés qui nous entourent; rien de ce désordre où nous sentons irrémédiablement (?) noyés, et où nos poètes cherchent leurs pauvres muses en morceaux.

"As Musas heliconianas cantemos de princípio,
 rainhas do Helicon, monte alto e sagrado.
 Envolveram a fonte purpurina com passos leves
 na dança, e o altar do potentíssimo Crono.
 Banham a pele suave no Permesseo,
 no Hipocrene e no Olmeio sagrado.
 Nas alturas do Helicon, ritmos brotam
 formosos e excitantes dos seus ágeis pés.
 Partem vestidas de sombra densa,
 noturnas progridem, elevando soberba voz.
 Celebram Zeus, portador da égide e a augusta Hera
 de Argos, que anda com sandálias de ouro,
 bem como a filha de Zeus poderoso, Atena de olhos brilhantes,
 Febo Apolo e Ártemis frexeira
 e Posidon que toca e abala a superfície terrestre,
 Têmis, a venerável e Afrodite de olhos vivos,
 Hebe, coroada de ouro e a bela Dione,
 Leto, Japeto e Crono de pensamentos retorcidos,
 a Aurora, Hélios, o poderoso e a luminosa Lua,
 a Terra, o grande Oceano e a negra Noite,
 bem como a sagrada geração dos outros imortais para sempre vivos"

(Teogonia, 1-21).

Quem canta? Todos e ninguém. Todos cantam. O nós implícito na desinência do verbo tanto pode ser o plural majestático de proeminentes mandatários como pode exprimir a fingida humildade dos que atraem, no discurso, a atenção das multidões a serem conduzidas. **Nós** pode ser, ainda, **eu** mais os semelhantes, outros pastores, outros poetas. Não convém esquecer o **eu** inserido na coletividade dos cidadãos. Neste caso, o canto imana cantor e ouvintes na mesma empresa. Importa reter todas as possibilidades. A palavra poética recolhe, com frequência, feixes de significações. Elas definem bem o cantor da Antiguidade investido de poder – não importa o estrato social de que proceda – e integrado na coletividade, em significativo contraste com o poeta moderno, enfraquecido e solitário.

Ninguém canta. O canto soa como a voz das Musas (soberanas, divinas, distantes) de que os poetas são acidentais portadores. Como a voz das Musas é a de sempre, não cabe ao poeta propor novos ritmos ou intervir na seleção das palavras. O poeta, na opinião generalizada, canta como embriagado, como em êxtase.

Numa época conflituada como a de Hesfodo, em que parte significativa da população vive à margem do conforto, espoliada pelos prósperos donos de terra, o Hélicon das Musas seduz com sonhos paradisíacos. Lá a vida transcorre tranqüila na vizinhança de águas em que se espelham as coloridas corolas das flores, lá trabalho nenhum interrompe canto e dança.

O que se canta? As Musas. Elas figuram, portanto, como sujeito e objeto do canto. O elevado número de cento e quinze versos a elas consagrado é excepcional. Em poemas longos como a *Iliada* e a *Odisséia* esgota-se breve a referência a elas.

A **Teogonia** oferece, portanto, campo fértil à reflexão sobre o papel que representam. Elas cantam e são cantadas. O canto se apóia, assim, autônomo e soberano, em si mesmo sem buscar a autoridade em outra Instância, seja autor, seja referente, seja privilegiada execução. O canto, sendo o das Musas, não requer outra validação.

Cantemos de princípio (*arkhometh aeidein* – *arkhometh* derivado de *ar-khe*, princípio), sugere sentido cronológico, hierárquico e ontológico. O soberano canto das Musas, que agora principia, buscará os fundamentos do universo. Também a natureza aquática das Musas as situa no fundamento, visto que da água, já em Homero, nasce o Universo.

Hesíodo, como se verá, nega ao Oceano a centralidade que lhe conferiu o autor da **Ilíada**. Restam, entretanto, os seus indícios. Com as Musas, fazem-se aquáticas agora as palavras, como se farão ígneas em Heráclito. O poema apresenta superfície úmida, mesmo quando não canta divindades ligadas a mares e rios. Fluindo como as correntes, as Musas ligam uns acontecimentos a outros. Insinuando-se em território seco, vitalizam, movimentam o que, sem elas, se imobilizaria.

Visto que no desdobramento do universo o dia nasce do escuro ventre da Noite, as Musas progridem da sombra para a luz na marcha do contínuo desvendamento. Ao ritmo da dança, o mundo desperta rico e variado no frescor das origens. As Musas anunciam uma história de vitórias e derrotas, deuses que ascendem e divindades banidas, noite e dia, atração e repulsão, civilização e barbárie, superfície e profundidade, palavra e silêncio. Os ritmos do canto e do cosmo confluem. O ritmo do canto se alinha ao ritmo do cosmo e o exprime. A vida que brota do seio da Terra atravessa a totalidade. O cosmo, ao se erguer do fundo sombrio donde tudo procede, ingressa na guerra dos contrários. Antes do ritmo, germinam os possíveis, o silêncio antes da voz, a sombra antes da luz. O ritmo preside a dança do desvelamento, os passos do oculto ao revelado.

A dança é a linguagem do corpo. Na dança o corpo splende em liberdade. Antes e depois do trabalho, a dança revela o corpo em inventivas possibilidades. A dança reconquista a liberdade aos membros presos a fins precisos no decurso da execução de tarefas. O canto refaz o percurso do universo na trajetória das revelações.

As Musas cantam e dançam. O ritmo se une ao mito. O mito constrói a ordem verbal. O rito organiza os movimentos do homem e do mundo.

As Musas estão ligadas a montes, a fontes, e é admirativo o tom do Poeta. A natureza o chama ao canto. Chama-o de longe porque a admiração abre distâncias. Como vencê-las sem o auxílio das Musas? Perdido está o contato direto com as coisas. Entre o cantor e o cantado, estende-se o úmido véu dos versos, tecido pelas deusas. As Musas são detentoras da linguagem. De toda a linguagem. Cantando, velam e desvelam. Revestida pelo canto, Intocável se retrai a pele das coisas. Não fossem as Musas, outro sistema verbal lhe tomaria o lugar. Por não podemos reaproximar o que definitivamente se perdeu, lançamos pontes sobre abismos. Sendo frágeis, mostram-se prestes a ruir, convocando outros engenheiros. Ponte nenhuma, por estável que seja, pode requerer o privilégio de última.

O poeta canta as Musas que celebram. Temos duas camadas verbais ligadas a uma terceira. A realidade mesma esconde-se atrás dos nomes. Ao tecermos o comentário sobre o poema, introduzimos a terceira camada. Estamos em pleno domínio da produtividade textual. Os textos se unem e geram em procriação infinita.

Visto que as Musas o celebram, Zeus lhes deve a existência. Nada o ampara fora da celebração. Observado assim, Zeus é filho das Musas de quem é pai. Em lugar do Oceano homérico, origem de todos os deuses, comparecem as Musas. O mundo ainda tinha centro. Zeus era o centro, embora ameaçado. Morto Zeus e não havendo ninguém que lhe tome o lugar, ficamos com o puro jogo verbal da modernidade, expresso nos versos de Baudelaire, Mallarmé e Pessoa.

Na Teogonia, o canto se abisma do presente no passado em busca do fundamento. Não se trata da fuga do presente, mas de sua fundamentação. Como o sentido do fundamento se deriva do presente, este ficaria suspenso no sem-sentido, privado do apolo que a origem lhe confere.

As palavras, nascidas do generoso corpo das Musas, atestam origem feminina como os mares e os montes, as florestas e os campos. As palavras guardam no ritmo e na modulação a sedução dos olhos que, no berço, as saudaram. Deuses franqueiam o caminho porque estes são os signos das Musas. Deuses são as correntes que engrossam o rio das Musas e é através dele que se percebe o movimento das formas que se buscam. O presente é indicado pelo casal divino que no agora do Poeta detém o poder, Hera e Zeus. O poder do mandante supremo se exerce através de seus filhos: Atena (a sabedoria), Apolo (os desígnios secretos), Ártemis (o reino animal e vegetal) e através do irmão submisso, Posídon, o rei dos mares.

O passado anterior comparece na menção de antigas esposas: Têmis (outrora protetora das leis), Dione (mãe de Afrodite numa das vertentes míticas), Leto (mãe de Apolo). Não surpreende que, por expansão associativa da memória, compareça, entre as deusas, Afrodite, responsável pela conjunção matrimonial, em companhia de Hebe, a deusa da juventude, ambas associadas, pela suas funções, ao casamento. O passado remoto é lembrado com a menção dos Titãs Jápeto, pai de Prometeu, e Crono, antecessor de Zeus. E chegamos às origens, base de tudo, nas aparições nomeadas depois de Aurora, Hélio e a Lua : a Terra, o Oceano e a Noite.

Aí esta o Oceano, já filho da Terra ou ainda origem dela? Na dubiedade, ele permanece enigmaticamente ao lado dela. Hesfodo solucionará a dúvida mais tarde. Por agora, basta-lhe localizá-lo no princípio, fonte dos rios e do aquoso em geral, incluindo as Musas.

Eis aí o resumo da Teogonia. O fato de não ser caótica a enumeração, como em poemas recentes, mostra a intenção ordenadora do Poeta. Tome-se um poema como "Nosso Tempo" de Drummond, e se verá o torvelinho de fragmentos desconexos. Impressões passageiras do presente se misturam com recordações da infância sem que nexos significativos entre umas e outras possam estabelecer-se. Onde foi a ordem impera o partido, tempos partidos, homens partidos. A experiência de desordem se confirma ao passarmos daí para "Tabacaria", de Fernando Pessoa. Aí, somos agredidos

pela oferta de artigos variados sem nada de essencial que os una. Deposto o Destino ou algo que o lembre, o acaso dispersa os objetos e os atos de que se compõe a existência humana. No **Waste Land**, Eliot empenha-se, em vão, na tarefa hercúlea de socorrer as ruínas da cultura européia. Adianta recolher fragmentos para recompor o todo quebrado em mil pedaços?

Vínculos rompidos, com os quais a modernidade nos familiarizou, repugnam ao pensamento mítico. Naqueles tempos, o vazio, presente na economia do universo, não obsta o trânsito de um elemento a outro. O sentido permanecia assegurado em todos os percursos. Revestido de nomes divinos se apresentava o que hoje nos ameaça sem nome. Os espaços, cuidadosamente preenchidos pelas Musas, impediam abalos, oferecendo chão ao andar dos homens.

Na **Teogonia**, a organização do discurso traduz a ordem das coisas. O discurso decifra a realidade para que o homem se possa orientar nela. A narração refaz o caminho da unidade. Esta se alcança na continuidade do narrar. A existência de vácuos romperia a unidade. A continuidade da narrativa corresponde ao fluir das águas, à continuidade do ser. O mito não apresenta provas, acompanha os acontecimentos na emergência. É nisso que reside a sua verdade.

O homem mítico vê mais do que aquilo que se oferece imediatamente aos sentidos. O espetáculo oferecido não se divide em casas e bois e árvores e rios e montes, dispersos e desconexos. A multiplicidade se agrega em conjuntos sutis, derivados de um princípio comum, que imana a totalidade do observado.

Cada uma das partes é acolhida na luz da totalidade que as conecta e ultrapassa, retraindo-se ao fundo que os sentidos não percebem, mas que as Musas conhecem e preservam na comunidade dos homens através do canto. É dessas sombras, prenhes de luz, que as Musas procedem para iluminar o que se dispõe em torno dos homens. Elas abrem sendas para o que se adivinha além do imediatamente percebido.

Como nos sonhos, Hésfodo desce da experiência cotidiana ao oculto, ao soterrado pelos interesses e lembranças da vigília. Como nos sonhos, a infância, com os seus impulsos esquecidos e reprimidos, sobe à superfície.

Rememorar o passado significa passar do domínio de Zeus às forças por ele subjugadas, da ordem à organização em processo. O passado abre um espaço de crueldade e violência, um tempo que desejaríamos para sempre esquecido. Como nada morre, o passado é vivo e se insinua ameaçador na segurança presente. Os outros tempos, assim rememorados, são mais do que antecedente cronológico. Penetra-se no complexo tecido daquilo que é, em busca da fonte de que tudo provém, o fundamento que explique a totalidade. Indicado está o caminho ao pensamento filosófico que virá depois.